

# **Dr. Matthew S. Harmon, Filipenses: Regozijem-se no Evangelho de Jesus Cristo,**

## **Sessão 7: Cristo, o Exemplo - Filipenses 2:5-11**

BiblicaleLearning.org por Ted Hildebrandt

Aqui é o Dr. Matthew S. Harman em sua série sobre Filipenses, "Alegrem-se no Evangelho de Jesus Cristo". Esta é a sessão 7, "Cristo, o Exemplo", Filipenses 2:5-11.

Bem-vindos à sessão 7 do nosso estudo em Filipenses. Intitulamos esta sessão: "Cristo, o Exemplo".

Vamos estudar o capítulo 2:5-11. Na nossa sessão anterior, abordamos o capítulo 2, versículos 1 a 4, onde vimos Paulo falar sobre "Alegria enraizada numa vida compartilhada produzida pelo Evangelho". E enfatizamos que essa passagem prepara o terreno para o que encontraremos aqui no capítulo 2:5-11.

Na verdade, provavelmente deveria ser entendido como uma única unidade literária, mas, por conveniência e para podermos aprofundar um pouco mais, vamos dividi-lo e tratá-lo em duas sessões separadas. Então, Filipenses, capítulo dois, versículos cinco a onze. Vamos ler o texto e fazer o acompanhamento.

Filipenses, capítulo dois, a partir do versículo cinco: Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha: Ele, embora sendo Deus em sua essência, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devesse se apegar; pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens e sendo encontrado em forma humana. E, humilhando-se a si mesmo, tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz!

Portanto, Deus o exaltou soberanamente e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. Esse é o texto.

Devemos refletir um pouco sobre a relação entre os versículos de um a quatro e os versículos de cinco a onze. A descrição de Cristo no capítulo 2, versículos 5 a onze, tem o propósito de produzir ou despertar em nossos corações esse deleite, essa alegria, esse amor por Cristo, como forma de nos motivar a moldar nossas vidas segundo o seu exemplo. Portanto, não se trata meramente de imitação no sentido de "o que Jesus faria?", mas sim de empoderamento.

No fim das contas, não se trata apenas de apresentar uma imagem de quem Jesus é e do que ele fez. Agora, faça o seu melhor para viver de acordo com isso. Trata-se de apresentar quem Cristo é e o que ele fez.

E, como resultado disso, sejam capacitados por esse mesmo Cristo para viverem dessa maneira. Portanto, outro elemento-chave aqui, enquanto nos preparamos para começar, é

observar que, no versículo cinco, Paulo diz: "Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha". Essa frase é importante.

Isso enfatiza a ideia de que essa mentalidade nos pertence por causa da nossa união com Cristo. E só é possível por causa da nossa união com Cristo. Então, esse é o ponto de partida, juntar esses dois blocos de texto.

E agora vamos falar sobre Cristo, o exemplo. Só uma breve palavra sobre isso, sobre o termo "exemplo". Exemplo é o termo que estou usando para representar a imagem máxima do tipo de vida que Paulo está chamando os filipenses a seguir e buscar.

Portanto, estamos usando esse termo para descrever isso. Também devemos observar que, em alguns momentos deste curso, me referi a isso como o chamado hino de Cristo. E digo isso simplesmente para lembrar que, embora seja comum nos referirmos a isso como os hinos de Cristo, não temos evidências diretas de que essa tenha sido de fato uma canção cantada pelos primeiros cristãos.

É apenas um termo conveniente de usar, porque parece ser um exemplo, não exatamente de poesia, mas de prosa elevada, dessa ideia de um nível superior de descrição em prosa, não exatamente no nível da poesia grega, ou mesmo na linha da poesia hebraica. Então, vou me referir a ele como o hino de Cristo, mas precisamos entender que isso não tem a intenção de comunicar nada; sabemos que se tratava de uma espécie de canção cantada pelos primeiros cristãos. Outra coisa que mencionarei aqui: há muito debate acadêmico sobre as origens desse hino.

E muitos estudiosos gostam de argumentar que Paulo não escreveu esse hino, que outra pessoa o escreveu e que ele simplesmente o está utilizando. E isso é perfeitamente possível. E, se for esse o caso, isso não afeta nossa compreensão do hino, porque Paulo o inclui nesta carta.

Portanto, mesmo que outra pessoa tenha escrito isso, Paulo está se apropriando do texto e o adotando como seu, dizendo: "Isso representa o que eu acredito e o que eu penso". Independentemente de ter sido escrito por Paulo ou por outra pessoa, é notável que ele o apresente sem esperar qualquer contestação, pois essas são verdades aceitas entre os primeiros cristãos, e ele não está dizendo nada particularmente controverso que precise ser explicado ou defendido. Com isso em mente, vamos nos concentrar no texto.

Então, como o hino a Cristo se divide aqui? Vemos três seções distintas. A primeira é a ordem no versículo cinco: tenha essa mentalidade, a mentalidade de Cristo. Essa é a ordem.

E então vemos nos versículos seis a oito o que Cristo fez. Podemos resumir isso como obediência humilde como servo. Analisaremos isso com mais detalhes.

E então, a terceira parte da passagem trata do que Deus fez. Que Deus exaltou grandemente a Cristo com o nome que está acima de todo nome. E, mais uma vez, vemos esse termo mentalidade ou mente que é introduzido aqui no capítulo dois, versículo cinco.

Portanto, precisamos ter cuidado para não nos perdermos tanto na rica teologia aqui presente a ponto de perdermos de vista o fato de que essa rica teologia nos foi dada por um

motivo. E não é apenas para aguçar nossa curiosidade teológica. É para nos levar a viver de uma determinada maneira.

O objetivo é nos motivar a viver como Cristo. E, portanto, faremos o possível para destacar muitos dos principais pontos teológicos deste texto. Mas o propósito primordial não é simplesmente nos apresentar este tipo de tratado teológico sobre quem é Cristo.

É para nos dar isso para que vivamos de uma certa maneira. Certo, então vamos analisar isso. No versículo seis, Paulo se refere a Cristo dizendo: "embora ele estivesse na forma de Deus".

Então, vamos falar um pouco sobre essa expressão, forma de Deus. E podemos pensar, ao ouvir esse termo, espere um minuto, forma. Isso significa que ele, sabe, de alguma forma não era plenamente Deus? E não é assim que esse termo é usado.

Esse termo se refere à aparência externa visível de uma realidade interna. E vemos uma dinâmica semelhante mencionada em João 1:14, bem como no capítulo um de Hebreus. Portanto, quando Paulo diz que Jesus Cristo era em forma de Deus, ele está indicando que ele era, de fato, Deus.

Ele não está fazendo uma distinção mais sutil e matizada entre essas realidades. Mas você pode ter notado que ele introduz essa ideia no versículo seis, quando diz: "embora estivesse na forma de Deus". E você pode estar se perguntando: "Certo, o que está acontecendo aí?". Bem, sem entrar muito nos detalhes de como funcionam os participios gregos, o que está acontecendo é que existe um participio grego, e ele pode ter várias nuances diferentes.

Pode comunicar diferentes tipos de relações e ideias. Assim, a maioria das traduções para o inglês entende que introduz uma concessão, o "embora isto, então aquilo". Mas outros sugeriram que poderia ser simplesmente traduzido como "quem está na forma de Deus", deixando-o mais ambíguo, indefinido.

Ou outros estudiosos, e esta é uma visão interessante, argumentam que não, não, não, que na verdade deveríamos traduzir como "porque ele estava na forma de Deus". Isso muda a conclusão sobre o que Paulo está dizendo aqui. Porque se voltarmos e lermos novamente, se fosse traduzido como "que, por estar na forma de Deus, não considerou a igualdade com Deus algo a que devesse se apegar", isso daria um sentido diferente de dizer "que, embora estivesse na forma de Deus".

O que quero dizer com isso? Bem, se entendermos nesse sentido concessivo, a ideia é que se esperaria que alguém na forma de Deus agisse de uma certa maneira. Mas não foi assim que Cristo agiu. Se for causal, a ideia seria que a razão pela qual Cristo não agiu de uma certa maneira é que ele era a forma de Deus.

Agora, não estamos falando da diferença entre heresia e ortodoxia aqui, então não precisamos nos aprofundar muito nisso. Mas estou convencido de que a ideia que Paulo está comunicando é, na verdade, essa ideia concessiva, que ele está dizendo: você esperaria que alguém na forma de Deus agisse de uma certa maneira, mas não foi assim que Cristo agiu. E, portanto, o restante dessa frase, essa cláusula, eu diria, não considerou a igualdade com Deus como algo a ser compreendido.

A ideia aqui é que Cristo não considerou isso algo para se apropriar e reter egoisticamente. E é aqui que acredito que um pouco de conhecimento da mitologia grega e romana sobre os deuses pode ser útil. Porque os filipenses viviam em um contexto em que cresceram ouvindo essas histórias sobre os deuses gregos e romanos, e sua prioridade número um era usar todo o poder e as habilidades que possuíam para promover seus próprios interesses egoístas.

Nesse contexto, o que Paulo está dizendo é que se esperaria que alguém na forma de Deus maximizasse, para seu próprio ganho egoísta, esse status de estar na forma de Deus. E ele está dizendo que não foi isso que Cristo fez. Portanto, acho que a ideia concessiva faz mais sentido aqui.

E essa próxima frase, igualdade com Deus, é algo que precisa ser assimilado. Observe a repetição do verbo do capítulo 2, versículo 3. É a ideia de considerar, de refletir, de compreender. Novamente, o foco está na mentalidade.

Então, essa ideia de estar na forma de Deus, Paulo equipara isso a ser igual a Deus. Vemos isso no texto. Agora, o que temos que analisar a seguir é este termo que é traduzido; algo na ESV é traduzido como algo a ser compreendido.

E essa é a palavra grega *harpagmos*. E a dificuldade é que este é o único lugar no Novo Testamento onde ela ocorre. É uma palavra rara.

Isso significa que os tradutores discordam e precisam tentar reconstruir o texto a partir de outras fontes, talvez a melhor maneira de apresentá-lo. E assim surge essa sugestão, algo a ser aproveitado. Algo que pode ser usado em benefício próprio.

Você tem algo a ser explorado, essa seria uma ideia. A versão King James, talvez a mais famosa, traduz como roubo; não considerou roubo ser igual a Deus. E então a Nova Tradução Viva, algo a que se apegar.

E o que isso nos mostra é que os tradutores estão tendo dificuldades para encontrar a melhor maneira de traduzir isso para o inglês. Então, no geral, acredito que a linguagem que expressa algo a ser compreendido provavelmente captura a essência da questão. E embora a tradução na Nova Versão Padrão Revisada também possa fazer sentido aqui, como algo a ser explorado, algo a ser usado para fins egoístas.

Mas a ideia clara parece ser que Cristo, estando na forma de Deus, não considerou seu status de igual a Deus como algo para explorar, agarrar ou usar para seu próprio benefício egoísta. Mas este também é um ponto em que, se você não conhece ou não tem acesso aos idiomas originais, usar várias traduções em inglês pode ajudar a compreender algumas das diferentes questões interpretativas presentes no texto. Então, é isso.

Isso é apenas um verso. Já tivemos que analisar quase todas as palavras e frases aqui. E se você está pensando: "Bem, talvez fique menos complicado conforme avançamos", você está redondamente enganado.

Porque, quando chegamos ao versículo 7, Paulo escreve, novamente lendo a versão ESV, que Cristo se esvaziou. E assim, mais uma vez, nos deparamos com várias maneiras

diferentes de traduzir esse verbo grego específico. E se você já ouviu falar da expressão "cristologia kenótica", ou algo parecido, ou "kenosis", é daí que vem esse termo.

Assim, a ESV usa a expressão "esvaziou-se a si mesmo". Outras traduções usam "fez-se nada". E aqui reside parte da questão teológica e interpretativa em jogo.

Quando as pessoas ouvem a expressão "esvaziou-se a si mesmo", tendem a pensar: "Ah, Cristo abdicou de algo, abdicou, digamos, de alguns de seus atributos divinos e, por isso, tornou-se de alguma forma menos que Deus". O que, de qualquer forma, não condiz com o que foi dito na frase anterior. Mas ainda existe uma ambiguidade, potencialmente, quanto ao significado disso: que ele se esvaziou ou se fez nada.

E é aqui que eu diria, bem, se você realmente for capaz de analisar o texto grego, ou mesmo apenas acompanhar o fluxo da passagem, Paulo vai lhe dizer o que significa que Cristo se esvaziou. Porque ele vai lhe dar mais duas cláusulas que explicam o significado disso. E a ironia aqui é que, para Paulo, ao explicar isso, Cristo se esvazia ao assumir algo.

O que não é o que esperaríamos. Quando ouvimos a palavra "vazio", pensamos em doar algo ou abrir mão de algo, e ironicamente, o que o texto diz é que Cristo se esvazia ao assumir algo. E o que é isso? Primeiramente, assumir a forma de servo.

E assim, novamente, ou como poderíamos traduzir, assumindo a forma de um escravo. Essa palavra ali, *doulos*, tem o sentido tanto de servo quanto de escravo. E, como resultado, há algum debate sobre o que exatamente Paulo quis dizer com isso.

Mas estou convencido de que ele está intencionalmente extraíndo linguagem de Isaías 53. O chamado cântico do servo, o servo sofredor em Isaías 53. E voltaremos a isso um pouco mais tarde para destacar o contexto do Antigo Testamento para o que Paulo está fazendo aqui.

Então, o que significa que Cristo se esvaziou ou se fez nada? Significa que Ele assumiu a forma de servo. E essa é a mesma palavra para "forma" que vimos no versículo 6, com a forma de Deus. E lembrem-se, enfatizamos ali que se trata da aparência e realidade exteriores que correspondem à realidade interior.

Para que estejam alinhados. Então não é como se Cristo tivesse assumido a aparência exterior de um servo. Não, ele assumiu a forma de um servo.

Paulo então expande essa ideia ao dizer que Cristo nasceu à semelhança do homem. E creio que Paulo está sendo muito cuidadoso com a linguagem aqui. Pode até haver uma possível alusão ou eco da linguagem em Gênesis 12-28, onde Deus cria o homem à sua imagem e semelhança.

Portanto, pode haver uma alusão ou um eco aí. E isso continua no versículo 8, na forma humana. E enfatizando que, quando você visse Cristo, veria um ser humano completo.

Isso enfatiza a realidade da encarnação de Jesus. Que desde toda a eternidade, sim, ele era a forma de Deus. Mas em um momento específico, ele também se tornou a forma de um servo feito à semelhança dos homens.

Sim, à semelhança dos homens e depois encontrado em forma humana. Então, essa linguagem nos ajuda a ver a plena humanidade de Cristo. Que ele era plenamente Deus e plenamente homem.

E então você encontra esta declaração chocante e poderosa aqui no versículo 8. Que Cristo se humilhou até a morte. Morte na cruz. E isso é algo que pode nos parecer estranho em certo sentido.

Porque, claro, estamos num contexto em que normalmente falamos da cruz. Ou da morte de Cristo. E no mundo antigo, a cruz – usávamos cruzes ao redor do pescoço como um sinal, como joia.

No mundo antigo, a cruz era um símbolo de execução. De certa forma, seria o equivalente hoje a, talvez, não sei bem como isso seria feito, usar um colar com o símbolo de uma cadeira elétrica, que poderia ser usada para executar alguém.

Isso pareceria estranho se alguém estivesse usando um colar. Ele diria algo como: "Nossa, que colar interessante você tem aí. O que é isso?" "É uma cadeira elétrica."

Você olharia para eles de forma muito estranha e pensaria: "Por que diabos alguém usaria um colar com uma cadeira elétrica? Parece muito mórbido e um tanto bizarro." Veja bem, no mundo antigo, a crucificação era um assunto que nem sequer era discutido em sociedades educadas. Assim como outros temas proibidos que, em conversas educadas, simplesmente não se abordavam.

Foi horripilante. Foi brutal. E, portanto, para os primeiros cristãos, celebrar a crucificação daquele que eles consideravam Deus e homem teria parecido inicialmente muito estranho para o grego ou romano típico.

E Paulo está enfatizando aqui que a obediência de Cristo foi tão completa que Ele estava disposto a sofrer até mesmo na cruz. E aqui também devemos observar que o sofrimento que Jesus experimentou na cruz foi mais do que apenas os tormentos físicos. Podemos encontrar descrições antigas, que foram estudadas em tempos modernos, sobre a brutalidade da morte por crucificação, sobre a forma como o corpo reage e como a pessoa acaba sufocando.

E às vezes, no mundo antigo, uma pessoa podia ficar pendurada na cruz por dias, morrendo lentamente em agonia. E não estou de forma alguma tentando minimizar a dor física e o sofrimento que Jesus experimentou na cruz. Foi inacreditavelmente brutal.

E, no entanto, em outras passagens das Escrituras, nos dizem que isso nem foi o pior. Que, ao estar na cruz, Ele estava assumindo sobre si o castigo que merecemos pelos nossos pecados. E assim, Paulo nos leva ao ponto em que Cristo se humilhou, obediente até a morte, morte de cruz.

E é isso que vemos nos versículos 6 a 8: a humildade, a obediência e, finalmente, Cristo dando a sua vida pelo seu povo na cruz. Agora, há uma transição que ocorre a partir do versículo 9. No versículo 9, vemos a mudança para "isto é o que Deus fez". Há uma

importante palavra de ligação ali, no versículo 9: "Portanto, Deus o exaltou soberanamente e lhe deu o nome que está acima de todo nome".

Exaltou-o grandemente. Isso também retoma a linguagem de Isaías. Em Isaías 52:13, no início do cântico do servo que fala sobre o servo sofredor, esse servo é apresentado como sendo grandemente exaltado.

E essa é uma linguagem típica em Isaías, reservada para o próprio Deus, e ainda assim é aplicada ao servo em Isaías 52, versículo 13. E então surge esse tema de que ele lhe deu o nome que está acima de todo nome. Há debate sobre o que especificamente está implícito aqui.

Isso significa simplesmente que Jesus agora é o nome acima de todo nome? Ou Paulo está, na verdade, dizendo que o nome acima de todo nome se refere a Javé, o nome divino, o nome da aliança divina? De qualquer forma, o ponto parece ser que Cristo foi exaltado ao ponto mais alto. E aqui está algo que precisamos ter em mente ao refletirmos sobre esta passagem.

Às vezes, quando as pessoas falam sobre essa passagem, elas a descrevem como um padrão em V: Cristo está no céu, assume a forma humana, morre e então é exaltado, e basicamente retorna ao mesmo ponto. Então, é apenas um V tradicional, mas não é exatamente isso que o texto diz. Acho que este texto indica que há uma espécie de V descendente, mas o ponto final é mais alto que o ponto inicial.

Então, é quase como um sinal de confirmação de que Cristo, exaltado, agora é reconhecido como o nome acima de todo nome. E esse conceito de nome... não temos tempo para necessariamente desvendar todos os seus detalhes. Mas acho importante que o observemos.

Então, vou dedicar um breve momento para ajudá-los a conectar alguns pontos na narrativa bíblica. Vocês devem se lembrar da história em Gênesis 11, onde a humanidade, após a queda, se reuniu e tentou construir a Torre de Babel. E há uma afirmação importante ali.

Quando eles declaram sua motivação, parte dela é o desejo de se tornarem famosos. Isso faz parte da motivação deles. Eles querem construir uma torre que alcance os céus para que, assim, se tornem famosos.

E então, claro, Deus desce, julga, dispersa, e o que é impressionante é que no capítulo seguinte, Gênesis 12, Deus faz sua promessa inicial da aliança com Abraão. E como parte disso, ele diz: "Farei de você um grande nome". E então, oh, ok, então aqui está o que vai acontecer.

Parte do problema em Babel era a tentativa dos seres humanos de engrandecer a própria reputação. E Deus dizia: não, não, não, eu sou quem engrandece o nome. E eu vou engrandecer o nome através da linhagem de Abraão.

Assim, à medida que o Antigo Testamento se desenrola, vemos esse tema do nome ressurgir, especialmente mencionado em conexão com a aliança de Deus com Davi, que fala sobre dar a Davi e seus descendentes um nome como o dos grandes da terra. Mas então

chegamos ao Novo Testamento. E aqui Paulo diz que o nome acima de todo nome é o nome de Jesus, que em Gálatas 3 é claramente identificado como o descendente prometido de Abraão.

E isso não é tudo. Porque, se você pensar no Pentecostes, o que acontece lá? Pessoas de diferentes nações se reúnem, o Espírito Santo desce sobre os apóstolos e eles pregam o nome de Jesus. E pessoas de diferentes nações creem em Jesus.

E, em vez de serem dispersos por causa da desobediência, eles estão sendo reunidos e adorando o único e grandioso nome de Jesus Cristo. E isso, é claro, antecipa as cenas que vemos em Apocalipse 7, onde pessoas de todas as tribos, línguas e povos estão reunidas ao redor do trono, adorando a Jesus. Portanto, tudo isso faz parte do amplo fio teológico bíblico que Paulo está explorando aqui.

Agora, continue e observe a totalidade do escopo. Você notará que no versículo 10, ele diz: "todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra". Portanto, esta é apenas uma maneira de capturar a totalidade de toda a criação.

Toda a criação reconhecerá o reinado soberano e universal de Jesus Cristo como o rei legítimo. Nenhuma criatura poderá dizer: "Não, ele não é o verdadeiro rei". Todo joelho se dobrará nos céus, na terra e debaixo da terra.

E então, no versículo 11, toda língua confessará que Cristo existe. Agora, devemos ressaltar que este texto não está nos dizendo que todas as criaturas reconhecerão com alegria que Jesus Cristo é o Senhor. Ele aponta para o dia em que Cristo reinará sobre toda a criação e ninguém poderá contestar sua identidade como o grande rei do universo.

Agora, seu povo celebrará e reconhecerá com alegria: sim, ele é o verdadeiro rei. Mas seus inimigos se ajoelharão de terror e medo, pois seu julgamento chegou. Essa é a imagem que se apresenta aqui.

Gostaria de dedicar um pouco de tempo para falar sobre o contexto do Antigo Testamento em Filipenses, capítulo 2, versículos 5 a 11. Já mencionei alguns pontos aqui e ali, e não terei tempo para abordar tudo. Mas quero dar a vocês uma amostra, um gostinho, por assim dizer.

Um texto que ainda não mencionamos é que a citação mais próxima do Antigo Testamento encontra-se em Isaías 45, versículos 22 e 23, onde, no final, quando ele diz que todo joelho se dobrará e toda língua confessará, essa linguagem vem de Isaías 45, versículos 22 e 23. Mas aqui está a importância disso. Podemos perder isso de vista se não voltarmos e analisarmos o que realmente está acontecendo em Isaías 45.

Veja, em Isaías 45, Javé está dizendo: Só eu sou o Deus verdadeiro. Não há ninguém como eu, e todos se prostrarão diante de mim e confessarão que eu sou o Deus verdadeiro. E observe o que Paulo nota aqui.

Ele afirma que algo que é verdade sobre Javé no Antigo Testamento também é verdade sobre Cristo no Novo Testamento. E o que ele está convidando você a fazer é tirar a

conclusão: se isso é verdade apenas para Javé, e é verdade para Cristo, então Cristo deve ser Javé.

Esse é o tipo de matemática teológica que Paulo usa. E, honestamente, essa é uma maneira comum pela qual os autores bíblicos nos mostram a identidade divina de Cristo. Mostra-nos isso, não tanto.

Quero dizer, existem declarações diretas, certo? O Evangelho de João contém várias declarações diretas sobre a divindade de Jesus. Mas é muito mais comum um autor do Novo Testamento mostrar Jesus dizendo ou fazendo algo que só é verdade para Javé e nos convidar a concluir que isso significa que Cristo é Javé encarnado. Eu concordo com esse tipo de raciocínio.

Um último comentário antes de mostrarmos algumas das possíveis alusões a textos do Antigo Testamento. Na história dos estudos sobre essa passagem, o que me intriga é que alguns estudiosos afirmam que os primeiros cristãos não acreditavam que Jesus era Deus até o final do primeiro século. Que somente com o Evangelho de João os primeiros cristãos decidiram: "Sabe de uma coisa? Acho que Jesus era realmente Deus."

Bem, veja como essa passagem se encaixa nesse contexto. Se entendermos o que Paulo está fazendo aqui com essa declaração, usando uma linguagem que só se aplica a Javé e dizendo que também se aplica a Cristo, então o que essa passagem nos mostra é que os primeiros cristãos, pelo menos naquele momento, acreditavam que Cristo era, de fato, Deus. E isso é ainda mais importante porque até mesmo os estudiosos mais rigorosos acreditam que Paulo escreveu Filipenses.

Não há realmente nenhuma dúvida ou debate crítico sobre isso, nem mesmo entre os estudiosos mais críticos. E aqui temos Paulo escrevendo por volta dos anos 60 a 62 d.C. E muitos desses mesmos estudiosos diriam: "Bem, Paulo está, na verdade, usando um hino de outra pessoa, o que talvez antecipasse ainda mais a data."

E Paulo não está argumentando a favor disso. Ele está apenas apresentando isso como crenças aceitas para que, pelo menos em algum momento na década de 50, provavelmente vejamos evidências definitivas de que os primeiros cristãos acreditavam que Cristo era, de fato, Deus. Isso não foi um desenvolvimento posterior que surgiu apenas no final do primeiro século.

Certo, vou mostrar apenas alguns exemplos. Não terei tempo para analisar cada um deles. Mas essas são algumas das palavras, frases ou conceitos que têm paralelos específicos no Antigo Testamento.

E uma das coisas que vocês verão é que há muitas referências a Isaías aqui, e também a Gênesis. Eu não me aprofundi muito nisso, mas alguns estudiosos também veem um paralelo entre Cristo e Adão neste texto. Como se Cristo, de certa forma, obedecesse onde Adão falhou.

E isso pode estar presente. Mas acho que o tema mais dominante aqui é o empréstimo da linguagem dos Salmos do Servo de Isaías. E, portanto, uma linguagem como "esvaziar-se".

Mencionamos na sessão anterior como Paulo adverte contra essa ideia de glória vazia. E aqui temos o contraste com isso, esse tipo de esforço humano para se engrandecer. O oposto disso é mostrado aqui em Filipenses 2, versículos 7 e 11, porque vimos como Cristo se esvaziou, mas que o resultado final disso é Ele receber a verdadeira glória.

E assim, essa é a contrapartida da vaidade que devemos evitar. Mas creio que a linguagem de Paulo sobre a forma de servo, a linguagem da aparência fundamentada como homem, semelhança com o homem, humilhando-se, tudo isso tem suas raízes em passagens de Isaías 53, em particular.

E então, outra passagem aqui: a obediência de Cristo até a morte, a descrição de sua morte na cruz, Deus o exaltando grandemente. Uma linguagem que veremos, na verdade; voltaremos a ela no final do capítulo 3 de Filipenses. A linguagem de todo joelho se dobrar — já mencionamos isso — toda língua confessar, a linguagem de Isaías 45, e, em última análise, para a glória de Deus.

Bem, eu sei que passei por isso rapidamente, mas só queria dar a vocês uma ideia de que este hino a Cristo é fruto de uma reflexão profunda e intensa, não apenas sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus, mas também sobre a reflexão desses eventos à luz do Antigo Testamento. E é aqui que explorar algumas dessas ilusões e ecos mais sutis pode nos proporcionar uma riqueza, uma textura mais profunda à imagem que vemos em Filipenses 2 :5-11.

Certo, vamos dar um passo atrás e falar sobre o panorama geral, e depois trabalhar em algumas aplicações práticas. Qual é a ideia principal da passagem? Cristo se humilhou para que Deus o exaltasse.

Podemos observar duas partes nisso. Nos versículos 5 a 8, Cristo se humilhou, e então, nos versículos 9 a 11, Deus o exaltou. E, como resultado, podemos ver o seguinte resumo: Cristo não considerou sua identidade algo a ser explorado, Cristo superou a si mesmo, Cristo se humilhou e, então, Deus o exaltou, o exaltou grandemente com o mais alto nome.

E então, os dois propósitos: que todo joelho se dobre e toda língua confesse que Cristo é o Senhor. Para a glória de Deus. Essa é a imagem impressionante e de tirar o fôlego de quem Cristo é.

Mas agora, voltando à aplicação prática, precisamos lembrar que o objetivo de Paulo ao nos dizer essas coisas não é apenas nos informar intelectual e teologicamente. É nos motivar a viver de uma determinada maneira. Então, aplicação prática: o que Deus quer que pensemos ou entendamos? Eu sugiro que uma área sobre a qual poderíamos refletir é que Jesus usou seu poder e privilégios para servir.

Não era assim que os antigos pensariam naturalmente sobre liderança e sobre posições de privilégio e poder. Na verdade, a expectativa era que as pessoas usassem o privilégio e o poder para promover seus próprios objetivos. Essa era a expectativa.

E, infelizmente, ainda vemos isso hoje em nossa própria cultura. Portanto, não é algo exclusivo do mundo antigo. Mas Cristo não viveu dessa forma.

Portanto, também não é assim que devemos viver. Mas creio que precisamos levar a sério a realidade de que todo joelho se dobrará diante de Cristo. E, como consequência disso, isso deve nos motivar a compartilhar o evangelho.

Porque até o mais ferrenho opositor de Deus e de Cristo um dia se ajoelhará diante dele. E a questão é se esse ajoelhar será uma celebração alegre e entusiasmada da presença do seu Rei, ou se será movido por puro medo e terror diante do julgamento que está prestes a acontecer.

Precisamos acreditar que todo joelho se dobrará. Desejar e sentir. Creio que devemos ansiar pelo dia em que Cristo retornará.

Talvez dependa da sua idade ou da sua formação. Não quero generalizar demais, mas a minha impressão é que, em muitos dos contextos em que estou inserido, não falamos muito sobre a volta de Cristo. Na verdade, não falamos muito sobre isso.

Houve um período, especialmente na década de 70, em que esse era um assunto muito discutido entre os cristãos. Depois, esse tema pareceu perder força. Acho que precisamos resgatar esse anseio pela volta de Cristo.

Em minha própria experiência, percebo que quanto mais confortável minha vida terrena se torna, menos inclinado estou a pensar na volta de Cristo. Quando as coisas estão indo muito bem para mim e minhas circunstâncias se alinham com o que desejo, sou menos propenso a pensar em Cristo e em seu retorno. Eu diria que precisamos resgatar essa expectativa, esse anseio, essa ânsia por: será que pode ser hoje? Será que pode ser agora? Será que pode ser esta semana? Será que Cristo voltará para nos buscar muito em breve? E, por fim, façamos isso.

Sugiro que você identifique um ato específico de serviço altruísta que possa realizar em benefício de outra pessoa. Há um benefício intrínseco em renunciar intencionalmente ao egoísmo e servir ao próximo. Pode ser, por exemplo, sacrificar tempo.

Pode ser que isso signifique abrir mão de recursos que você pensava dedicar a uma coisa e, em vez disso, usá-los para servir a outra pessoa. Tenho certeza de que o Senhor pode lhe dar orientação enquanto você ora, reflete e pensa sobre isso. Então, espero que, ao analisarmos essa rica passagem, e tendo apenas arranhado a superfície, saibamos que há muito mais a descobrir.

Minha maior esperança é que seu coração tenha sido preenchido com o amor e o carinho renovados de Deus, e que isso o motive a viver uma vida de serviço abnegado e sacrificial aos outros, à semelhança de Cristo, porque é assim que demonstramos a realidade de quem Cristo é para o mundo ao nosso redor. E, portanto, em nossa próxima sessão, veremos como Paulo apresenta o "e daí?", o "portanto" que surge dessa descrição do Cristo exaltado.

Este é o Dr. Matthew S. Harmon em sua série sobre Filipenses, "Alegrem-se no Evangelho de Jesus Cristo". Esta é a sessão 7, "Cristo, o Exemplo", Filipenses 2:5-11.